

DEPOIMENTOS DE ALUNOS SURDOS SOBRE O COTIDIANO ESCOLAR NA LINGUAGEM DO VÍDEO¹

TESTIMONIALS BY DEAF STUDENTS ON DAILY SCHOOL EXPERIENCES IN THE LANGUAGE OF VIDEO

Lucia Helena REILY²

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa para a produção do vídeo “Professor, aqui quem fala é seu aluno surdo”, relatando a coleta de depoimentos com alunos surdos e a classificação das falas que geraram o material no qual o roteiro do filme foi baseado. O objetivo do projeto foi elaborar um filme em animação, com intuito de oferecer à escola um suporte para a reflexão do professor sobre a inclusão de alunos surdos. As cenas procuram representar a problemática da inclusão pela ótica dos alunos surdos, visando a sensibilização do educador.

Palavras-chave: *Inclusão; Aluno Surdo; Professor Reflexivo.*

ABSTRACT

This paper presents the results of the study which was done to produce the video “Teacher, this is your deaf student speaking”; it tells how deaf students were interviewed and how their reports underwent classification, generating material used to develop the film script. The objective of the project was to produce an animated video so as to offer the school resource material to help teachers think about inclusion of the deaf. The scenes intend to represent the complexities of inclusion from the deaf students’ point of view, as a means of sensitizing teachers to this issue.

Key words: *Inclusion; Deaf Students; Teacher Knowledge.*

Ao longo dos últimos anos, temos acompanhado o dia-a-dia das frustrações e dificuldades vivenciadas pelo professor da rede regular que recebe o aluno surdo no início do ano,

sem ter sido preparado para isso durante sua formação e, geralmente, sem receber orientação, apoio ou acompanhamento na escola no decorrer do ano letivo. Nossa prática na universidade tem

⁽¹⁾ Assistentes de pesquisa: Tania Valenzuela, Giselle Fiamoncini e Cleide Gagliardi.

⁽²⁾ Doutora em Psicologia Escolar pela USP.

Docente do Curso de Pedagogia: Formação de Professor para Educação Especial. Faculdade de Educação. PUC-Campinas.
Docente do Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação Prof. Dr. Gabriel Porto. Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp.

mostrado a importância de atuar em conjunto com a escola, acompanhando o trabalho do professor de perto, à medida que ele busca estratégias para superar as dificuldades do cotidiano escolar com crianças que ele não foi preparado para ensinar.

O fracasso do aluno surdo na rede regular de ensino tem mobilizado diversos autores a pesquisarem sobre o assunto, entre eles Góes (1996), Souza (1998), Lacerda (1997). Na tentativa de encontrar formas de intervir nos aspectos relacionados às dificuldades de escrita e propor práticas de intervenção que considerem a dimensão lingüística do letramento na surdez, essas autoras realizaram estudos que contribuem para a compreensão da natureza do texto do aluno surdo. No entanto, muitas vezes os professores da rede regular de ensino, que atuam diretamente com alunos surdos incluídos na sala de aula, não têm acesso à produção acadêmica de docentes da universidade.

Foi pensando na necessidade de realizar uma ponte entre escola pública e produção de conhecimentos no meio acadêmico que resolvemos desenvolver um material de apoio para o professor da rede regular de ensino, na forma de um vídeo em desenho animado. Propusemo-nos a buscar uma forma mais motivadora e criativa de ajudar o professor a comunicar-se melhor com seu aluno surdo, encontrar estratégias de ensino mais eficientes, e enfrentar o grave problema de repetência e evasão escolar que atinge uma enorme parcela desse grupo de alunos. Norteados por uma concepção de mediação, consideramos que seria interessante partir da perspectiva do próprio aluno surdo, perguntando-lhe: "O que você acha que o professor deveria saber para dar aula para um aluno surdo?" Desta maneira, pretendíamos instigar entre os professores um processo de reflexão sobre o cotidiano escolar representado a partir da perspectiva do aluno.

A escola pode aprender muito com os depoimentos dos alunos surdos. No decorrer de vários anos na escola, muitas vezes com histórico de múltiplas repetências, eles amargaram uma

rica bagagem de informações que poderiam ser compartilhadas com educadores, para auxiliá-los a ouvir suas queixas, modificar condutas infrutíferas, incrementar práticas bem-sucedidas.

Em anos recentes, tem surgido entre pesquisadores do cotidiano escolar uma valorização da metodologia que busca na história de vida fontes de dados para conhecer melhor o significado da atuação docente para a prática cotidiana e para a vida do professor (Nóvoa, 1995). Esta mesma abordagem também pode auxiliar os interessados a levantar com o aluno o significado da vivência discente. Nesta linha, uma importante contribuição foi o estudo de Luchesi (1997), que revelou a história de vida de quatro jovens surdos na sua dissertação de mestrado, cujo título é *Histórias de vida - uma possibilidade de compreensão do surdo*. Outro texto interessante nessa mesma linha é o de Bellés (1995), no qual quatro mulheres surdas avaliam sua trajetória escolar, comparando vivências de ensino regular e especial.

O texto, a seguir, de Edimeire, uma jovem surda atendida no Programa de Escolaridade do Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação Prof. Dr. Gabriel Porto - Cepre (Faculdade de Ciências Médicas - Unicamp), coletado durante as entrevistas, exemplifica o rico universo de vivências que pode ser explorado como fonte de informações sobre as reflexões do aluno surdo a respeito do seu cotidiano na escola.

Como foi quando eu entrei na escola?

Na 1ª primeira série eu fui na escola outra cidade que era eu morava. Só uma professora melhor legal. Na 2ª segunda série também melhor legal.

Na 3ª terceira série que eu estudava quando era eu fiquei muito triste mas por que a professora ela muito brava. Nunca não conversa comigo. Por que eu sou surda. Ninguém a professora não gosta, fim do ano de 1993 eu não passei e fiquei com repetiu eu estudar de novo na 3ª série.

4ª série eu era estudava só minha professora também melhor legal. Em 1996 eu

separei na minha escola há 2 anos só fiquei em casa 96 e 97. Depois 1998 agora eu sou estudando na 5ª série A. Na minhas professoras(os) na minha classe que eu não entendi nada por que professores falam muito rápido agora eu quero sair na minha escola. Minha mãe não deixa. Eu fiquei muito nervosa.

Eu quero estudar na escola surdos muito melhor.

Agora na 5ª série A

Na minha escola eu tenho 7 professores.

Português: professora legal só copia no livro fala muito rápido e eu não entendi nada.

Matemática professora legal ela escreva no quarto.

Historia professor chato não escreva nada, só livro, ele só fala muito rápido, eu não entendi nada.

Geografia professor legal não escreva no quarto não tenho livro ele só perguntar para a classe pra escreve só eu cópia junto minha colega.

Ciências professor chato e Bravo não escreve no quarto só pergunta para Classe pra escreve só eu copia junto minha Colega.

Inglês professor muito velho eu não entendi nada ele fala em inglês e português.

Educação Artística professora melhor legal.

Eu fiquei muito triste.

É melhor difícil.

Este texto foi um ponto de partida para a coleta de depoimentos que deu início à coleta de falas que foram utilizadas para estruturar o roteiro do filme. Seguimos as seguintes etapas para a produção deste filme:

a) Pesquisamos com alunos surdos adolescentes³ sobre o cotidiano em escolas da rede regular de ensino, levantando as dificuldades que eles enfrentam e as sugestões que propõem para o professor da rede comum que não tem experiência com alunos surdos. Procuramos conscientizá-los do valor de seu depoimento e de sua possibilidade de contribuição para melhorar a prática de educadores com relação à atuação com alunos surdos.

b) Elaboramos um roteiro para um filme de cerca de 10 minutos de duração, a partir dos depoimentos mais relevantes e passíveis de serem transformados em imagem, considerando especificidades e restrições do veículo vídeo (cf. Machado, 1997).

c) Realizamos oficinas de arte e animação com um grupo de crianças surdas (8 a 13 anos de idade) para gerar imagens e seqüências de animação coerentes com os depoimentos, que seriam utilizadas para a produção do vídeo que chamamos de "Professor, aqui quem fala é seu aluno surdo"⁴, proporcionando uma vivência artística inusitada a este grupo de crianças surdas, para que elas pudessem conhecer algo dos processos por meio dos quais se produz a animação das imagens no cinema.

d) Divulgamos e distribuímos o filme para educadores da rede pública e pessoas em processo de formação (no curso de magistério e no 3º grau), procurando levá-los a refletir sobre sua prática e rever posturas a partir da ótica do aluno surdo.

e) Registramos os resultados deste processo de reflexão por amostragem em parte das escolas que receberam o vídeo, utilizando um instrumento desenvolvido para tal finalidade.

⁽³⁾ As entrevistas foram realizadas com 9 jovens de 12 a 17 anos de idade que estavam freqüentando classes da rede pública de ensino em escolas municipais e estaduais de Campinas, da 3ª série do ensino fundamental à 1ª série do ensino médio. Os alunos participavam do Programa de Apoio à Escolaridade no Cepre/ FCM da Unicamp no período da manhã, freqüentando escolas públicas à tarde.

⁽⁴⁾ Este projeto contou com a colaboração do Programa Crer para Ver, uma iniciativa da Fundação Abrinq pelos Direitos da Crianças, e Natura Cosméticos. Foi realizado por meio de convênio com a PUC-Campinas, contando com a colaboração do Programa de Apoio à Escolaridade do Cepre - FCM/ Unicamp.

Método

O processo de produção do desenho animado desenvolveu-se no decorrer de um ano e seis meses. Os depoimentos foram coletados por meio de entrevistas realizadas por uma pedagoga/pesquisadora especializada no trabalho com alunos surdos, utilizando fala, língua de sinais e escrita na lousa. Uma assistente de pesquisa anotava as perguntas e respostas. As entrevistas não foram gravadas em fita cassete, porque tal sistema não registra gestos. Percebeu-se que a filmadora inibia os adolescentes, que já se mostravam bastante reticentes no início da investigação. As entrevistas foram realizadas em duplas, para que os jovens se auxiliassem na comunicação, um explicando ao outro o sentido das perguntas.

Pretendíamos coletar depoimentos de um grupo de crianças menores (de 8 a 13 anos), que realizariam posteriormente os desenhos para a animação. No entanto, encontramos bastante dificuldade nas primeiras tentativas de entrevista, possivelmente pela natureza da pergunta proposta a elas: *“O que você acha que o seu professor precisa saber para dar aula para um aluno surdo?”* Esta pergunta exige que o aluno se posicione criticamente, identifique-se com o seu professor e se coloque no lugar dele; também exige uma abstração no sentido da percepção genérica das necessidades de um “surdo qualquer”. Além disso, requer reflexividade, a capacidade de olhar para trás e avaliar sua própria trajetória. Se isso não bastasse, as crianças com quem trabalhávamos apresentavam um léxico bastante limitado na língua de sinais e a maioria não estava alfabetizada, mesmo que freqüentando a 2ª, 3ª ou 4ª séries do ensino fundamental. Assim, não compreendiam o que queríamos saber e nós não entendíamos as suas respostas. Resolvemos trabalhar com os dois grupos com funções distintas: coletamos os depoimentos com os adolescentes e realizamos as oficinas de desenho de animação com as crianças.

O período de coleta de dados foi bastante rico; baseou-se num processo de comunicação

multifacetado onde sinais, fala e escrita foram utilizados para negociar e clarear os significados. Os próprios entrevistados participaram ativamente da dinâmica, pedindo que a pergunta fosse escrita na lousa, por exemplo. Cada entrevista teve uma duração curta, entre 20 e 30 minutos, e os mesmos alunos foram entrevistados no mínimo três vezes. Não havia um roteiro fixo. As perguntas iniciais eram reformuladas para permitir a compreensão daquilo que estava sendo perguntado, bem como um aprofundamento ou detalhamento, por exemplificação, nas respostas. Às vezes as respostas dos alunos geravam um novo tópico a investigar. Em alguns casos, solicitou-se que o aluno escrevesse sua resposta em casa, para complementar o depoimento oral e/ou sinalizado.

A investigação teve início com perguntas mais abrangentes e depois tomou rumos mais específicos. Partimos da questão *“O que o professor pode fazer para ajudar o surdo?”* que foi alterada para *“Como o professor pode fazer para ajudar o surdo?”*

A seqüência abaixo ilustra a tentativa de ajudar os entrevistados a refletirem sobre suas próprias vivências no passado e também revela a modificação das frases para levar à compreensão mais plena:

(em sinais) “O que pode o professor fazer para ajudar o surdo na classe? Lembra como começou na 1ª série?”

“Pensando lá atrás, quando começou na escola, o que era mais fácil?”

“Como foi na 1ª série, foi fácil?”

Outro recurso utilizado foi o jogo de papéis, solicitando que o aluno se imaginasse no lugar do professor ouvinte, exemplificado nas questões abaixo:

“Faça de conta que vocês são professoras ouvintes e têm um aluno surdo, o que o professor pode fazer para ajudar?”

“Nos vamos brincar, você é professora, tem um surdo na sala, você usa sinais, escreve na lousa, explica como?”

“Se você fosse professora e visse o aluno surdo na sala, o que você faria?”

A partir de comentários sobre o sinal, datilologia e Libras (Língua Brasileira de Sinais), surgiram questões como:

“Você ensina sinal para o professor?”

“Você sabe sinais?”

“Qual sinal é mais importante para aprender primeiro?”

“Dê exemplo de sinais que o professor ouvinte deve saber para ajudar o aluno surdo na classe.”

A partir de respostas sobre a prática pedagógica na sala de aula, insistimos no detalhamento das situações ocorridas, com perguntas como:

“O que a professora fazia que era bom para você?”

“Dê exemplo do que é difícil de entender.”

“Você falou que quando o professor dá exemplo é mais fácil. Quais exemplos ajudam?”

“Qual é melhor, ler ou a professora explicar?”

“É mais fácil aprender quando a professora fala ou escreve?”

“Só com a explicação dá para aprender?”

“Qual lugar você senta?”

Comentários sobre as relações interpessoais com professora e colegas suscitaram perguntas como:

“Como você aprendeu o nome de seus professores?”

“Na 2ª série tinha amigo que ajudava?”

“Você pede ou ele oferece?” (ajuda para o amigo)

Percebemos que o aprofundamento da reflexão do aluno se dava a partir de explicitação de situações vividas, então procuramos ajudá-los a se lembrarem de situações que ocorreram:

“Você já tentou falar com a professora e ela não entendia o que você queria dizer?”

“A professora está explicando geografia, e você não entende, o que você faz?”

“Quais eram as palavras difíceis no ditado, na primeira série?”

“Dê exemplo de palavras difíceis que você teve que escrever no ditado.”

Cobramos dos entrevistados uma postura de avaliação de seu próprio processo, por meio de questões como:

“O que ajuda você a entender melhor na sala?”

“Você disse que a redação era difícil, o que é difícil na hora de escrever?”

Percebe-se na leitura das questões dirigidas aos alunos surdos o quanto a pergunta original precisou ser desmembrada para que os entrevistados pudessem respondê-la a partir de exemplos e situações vividas atualmente e no passado na sala de aula.

Classificação das respostas

As respostas foram agrupadas em classes amplas para permitir uma análise preliminar e uma seleção de falas reveladoras e passíveis de serem representadas em imagens no desenho animado. As frases marcadas com asterisco (*) foram selecionadas para o filme. No quadro anexo, constam alguns exemplos ilustrativos de cada classe.

Falas que foram utilizadas em cenas do filme

Seleção de respostas para incluir no vídeo

Com base neste agrupamento, selecionamos falas representativas de cada classe, tendo em vista a montagem da animação. Considerando o propósito de produção do filme,

| Classes | Respostas |
|---------------------------------|--|
| Referências a si mesmo | Ajuda. Mamãe ajuda porque eu era criança, no pré tinha três anos, eu estudava depois, foi no pré, aprendia palavras, aprendia a formar frases.* |
| Dificuldades na escola | Eu não entendia nada, porque eu não conheço todas palavras. Não sabia o significado da palavra não escrevia, ex. coelho fácil filhote difícil. Texto grande era difícil. Não pergunta porque tem vergonha. [Palavras difíceis no ditado] Ambulância, inteligente, igreja, hospital, cenoura, alface, animais, submarino.* Exemplo, eu fui jogar bola, em tal lugar, chutou a bola, depois aconteceu isto... (difícil é dar seqüência à história,) colocar verbo e palavras certas. |
| Estratégias do aluno na escola | Copiava do livro, estuda para fazer a prova. Antes de errar escrevia três vezes a palavra, exemplo: <i>inteligente</i> . Lê o texto pega as palavras grandes que não sei o que é pergunto para o professor o que era ex.. <i>ambulância</i> e <i>inteligente</i> e depois copia três vezes. [O que ajuda na escola hoje?] Já sabe ler. * |
| Questões sobre avaliação | História: é fácil, a professora que é difícil; [É mais fácil aprender quando a professora fala ou escreve?] Tudo, fala, explica e escreve.* |
| Descrições do professor | [Por que a professora de agora não é boa?] Ela fala rápido e pouco. Calma, as vezes fazia sinal e escrevia também.* Alguns falam pouco e rápido. Uma professora. fala com a boca assim (ela imita a fala da professora com boca cerrada)* |
| Prática pedagógica do professor | A professora às vezes escreve na lousa.* A professora falou para todo mundo que eu era surda, a professora sabia ABC manual depois algumas pessoas ajudam. A profª tem o livro e a classe não. A professora lê muito e os alunos escrevem, eu copio das colegas. A professora escreve e desenha na lousa, rios, planícies, mapa, continentes. A África tem bomba, não é boa a África. Ciência - A professora explica oralmente. |
| Referências a amigos | Sento junto com amiga para copiar do caderno,* A amiga explica. A amiga explica duas coisas, trabalho que foi pedido e a data de entrega, faço o trabalho junto com a amiga na casa dela. |
| Língua de sinais | Professor tem que aprender sinal, precisa aprender sinais*. Eu ensino sinal e eles ficam rindo, eu não gosto. [Exemplos de sinais que o professor pode aprender] Água, rápido, calma, atenção, bom e banheiro.* |
| Concepções de bom ensino | Na minha opinião, conversava bem de perto ensinava a fazer contas e ajudava ele, e fazia sinais. Ele pode explicar, ele fala por exemplo [dá exemplo]* Pôr o aluno surdo junto com outra criança ouvinte. A professora desenha mostra objeto, animal e escreve o nome. |
| Outros comentários | Bom falar com a família, perguntar para os pais (o professor) como explicar para sua filha. |

tivemos como critério a clareza do conteúdo, o humor da situação, bem como a possibilidade de representar a fala na linguagem da imagem em movimento, num sentido literal ou metafórico, obedecendo a aspectos da linguagem do vídeo (Machado, 1997; Citelli, 2000). Em seguida, estabelecemos um roteiro e fomos determinando algumas maneiras de representar em imagens visuais o conteúdo levantado na pesquisa. O roteiro seguiu a seguinte seqüência:

Bloco 1: Apresentação.

Uma criança surda retira seu aparelho para desenhá-lo, representado algo como a introdução ao mundo do surdo. Em seguida, há diversos auto-retratos de crianças surdas - rostos alternando com figuras caminhando. A próxima seqüência mostra desenhos alternando com fotografias das escolas freqüentadas pelos alunos.

Bloco 2: Questões técnicas sobre a surdez.

Aparece uma explicação didática da audiometria, com depoimentos de alunos surdos sobre os sons que eles são capazes de ouvir ou não conseguem distinguir.

Bloco 3: Como os alunos se sentiram logo que chegaram à escola.

Bloco 4: A atuação dos professores.

Bloco 5: As estratégias dos alunos surdos para “sobreviver” no cotidiano escolar. Depois disso, os alunos falam do papel da família, de amigos e da importância da língua de sinais.

Final: Seqüência de animação dos nomes das crianças que participaram das oficinas e créditos.

Durante a definição do roteiro, algumas idéias nortearam o nosso trabalho:

a) Procuramos manter a maior fidelidade possível com relação ao conteúdo do depoimento original. Em algumas instâncias foi preciso encurtar a frase ou interpretar um depoimento fornecido em língua de sinais de tal forma que tivesse

coerência no português. Procuramos não incluir conteúdos não-autorizados no filme, ou seja, idéias e orientações que não tiveram sua origem nos depoimentos, com exceção da explicação sobre a audiometria⁵.

- b) Com relação ao conteúdo do filme, buscamos elaborar cenas que não tivessem um caráter explicitamente didático ou metodológico. Nossa intenção não era a de dizer ao professor como ele deveria proceder com o aluno surdo, e sim levar o professor a ouvi-lo e tirar conclusões próprias, a partir das falas dos alunos surdos. Evitamos, então, a solução de listar uma série de atitudes apropriadas que devem ser seguidas no trabalho com o aluno surdo em sala de aula.
- c) Ainda com relação à nossa concepção sobre o educador que receberia a fita na escola, elaboramos um instrumento que o considera como capaz de refletir sua própria prática, na perspectiva de Nóvoa (1995). Conversando com seus pares, pensando em voz alta sobre a sua prática, ele poderá articular a sua vivência com aquilo que ele percebe na fala dos surdos neste filme.
- d) Com relação à linguagem plástica do filme, resolvemos utilizar tanto representações literais dos depoimentos quanto representações metafóricas, já que nem todos os depoimentos se mostravam fáceis de veicular no sentido mais literal. Por exemplo, a fala “*Quando eu entrei na escola, eu não entendia nada*” sugere uma solução metafórica, por se tratar de uma expressão de sentimento. No caso das falas que eram passíveis de serem representadas literalmente, respeitamos esta possibilidade.

⁽⁵⁾ No filme, incluímos informações técnicas básicas sobre a audiometria, porque este às vezes é o único documento que o professor da rede regular recebe referente à surdez de seu aluno, embora não tenha conhecimento para entendê-lo.

- e) Consideramos também aspectos de visibilidade na tela, já que o veículo videográfico não se mostra apropriado para registro de cenas abertas, muito cheias de detalhes (MACHADO, 1997).
- f) Apesar do tom muitas vezes negativo dos depoimentos, buscamos criar cenas leves, bem-humoradas e divertidas, para atingir o professor não de forma crítica, mas torná-lo mais próximo do processo educacional do seu aluno. Os depoimentos trazem algumas acusações subjacentes bastante graves. Procuramos mediar o conteúdo destas falas numa linguagem visual que permitisse ao professor ouvi-las sem se sentir acusado.

Enquanto ainda estávamos imersos no processo de coleta dos depoimentos e organização do roteiro, demos início às oficinas de animação⁶ com 11 crianças (8 a 13 anos de idade) atendidas também no Programa de Apoio à Escolaridade. Em resumo, mostramos às crianças como são feitos os filmes animados e realizamos oficinas com o objetivo de proporcionar vivências na animação (movimentação) de imagens básicas, com deslocamento da figura no espaço, o aumento e diminuição da figura, a movimentação de uma parte de um corpo de uma pessoa ou de um animal.

O próximo passo envolveu a montagem, edição, e sonorização do filme, seguidas da preparação de cópias e embalagens.

Distribuição

Ao ceder as fitas de vídeo, solicitamos que a secretaria de educação ou delegacia de ensino dos municípios em questão participasse de uma devolutiva sobre o vídeo. A proposta foi realizar em 10% das escolas que recebessem a fita uma reunião de educadores que assistiriam ao

desenho animado, conversariam a respeito do que viram durante cerca de 20 a 30 minutos, e em seguida responderiam individualmente a um questionário fornecido por nós, como contra partida ao recebimento da fita.

Questionários foram coletados nas escolas com educadores e também com alunos de 2ª a 8ª série, e este material ainda está sendo analisado. O vídeo foi mostrado em diferentes contextos: para alunos de curso de magistério, fonoaudiologia, pedagogia e formação de pedagogos em educação especial, para educadores e profissionais ligados a reabilitação e saúde, para professores da rede regular e para alunos com colegas surdos. As possibilidades de divulgação, distribuição e discussão que o filme permite são amplas, prestando-se como instigador de discussão tanto durante cursos de formação (magistério, graduação e especialização), quanto em reuniões de educadores e processos de educação continuada.

Conclusão

Com este trabalho, tivemos a intenção de desenvolver um instrumento que mobilizasse o educador a olhar o aluno surdo inserido na rede regular de ensino sob uma nova ótica. Às vezes, a linguagem do desenho animado e a voz da criança podem ser forças muito mais eficientes para transmitir informações básicas, mas essenciais, para melhorar o dia-a-dia da criança surda na escola do que o discurso verbal de especialistas. A formação continuada do educador tem ocorrido tradicionalmente por meio de cursos de curta duração, palestras e às vezes grupos de estudo, e geralmente enfatiza a ampliação de conhecimentos teóricos ou a aprendizagem de novas metodologias. Sem dúvida, o suporte bibliográfico e a discussão teórica são fundamentais, mas consideramos importante também refletir a problemática numa perspectiva

⁶ O Núcleo de Cinema de Animação de Campinas realizou uma série de Oficinas de Animação com o grupo de 11 crianças, dando suporte para esta parte de nosso projeto.

mais prática, a partir da vivência dos principais interessados, que são os alunos surdos.

Os depoimentos coletados neste estudo sugerem que os surdos têm sido pouco ouvidos na escola; neste sentido, o filme “Professor, aqui quem fala é seu aluno surdo” fornece um veículo alternativo de expressão, com função conscientizadora, ao colocá-los no lugar de quem tem o que contribuir para a melhoria da escola. E do ponto de vista do educador, o filme está servindo de instrumento de reflexão e debates, ao auxiliar o professor a identificar-se com a problemática de seu aluno, passando a repensar sua prática e buscar novas estratégias, compatíveis com as necessidades do aluno surdo.

Bibliografia

- BELLÉS, Rosa. ¿Qué dicen los sordos adultos de la educación de los niños sordos? In: *Infancia y aprendizaje*. V.69-70; p.61-74, 1995.
- CITELLI, Adilson (Coord.). *Outras linguagens na escola - publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática*. São Paulo: Cortez Editora, 2000, 253p.
- GÓES, Maria Cecília Rafael de. *Linguagem, Surdez e Educação*. Campinas: Autores Associados, 1996, 90 p.
- LACERDA, Cristina B.F de. A questão comunicativa na experiência escolar de alunos surdos. Lacerda, Cristina B.F de; Panhoca, Ivone. (Org.) *Tempo de fonoaudiologia*. Taubaté, SP: Cabral Editora Universitária, 1997, p. 125-135.
- LUCHESI, Maria Regina. *Histórias de vida - uma possibilidade de compreensão do surdo*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 1997, 164 p.
- MACHADO, Arlindo. *A arte do vídeo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997, 225 p.
- NÓVOA, António. *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1995, 213 p.
- SOUZA, Regina de. *Que palavra que te falta? Lingüística e educação: considerações epistemológicas a partir da surdez*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 216 p.